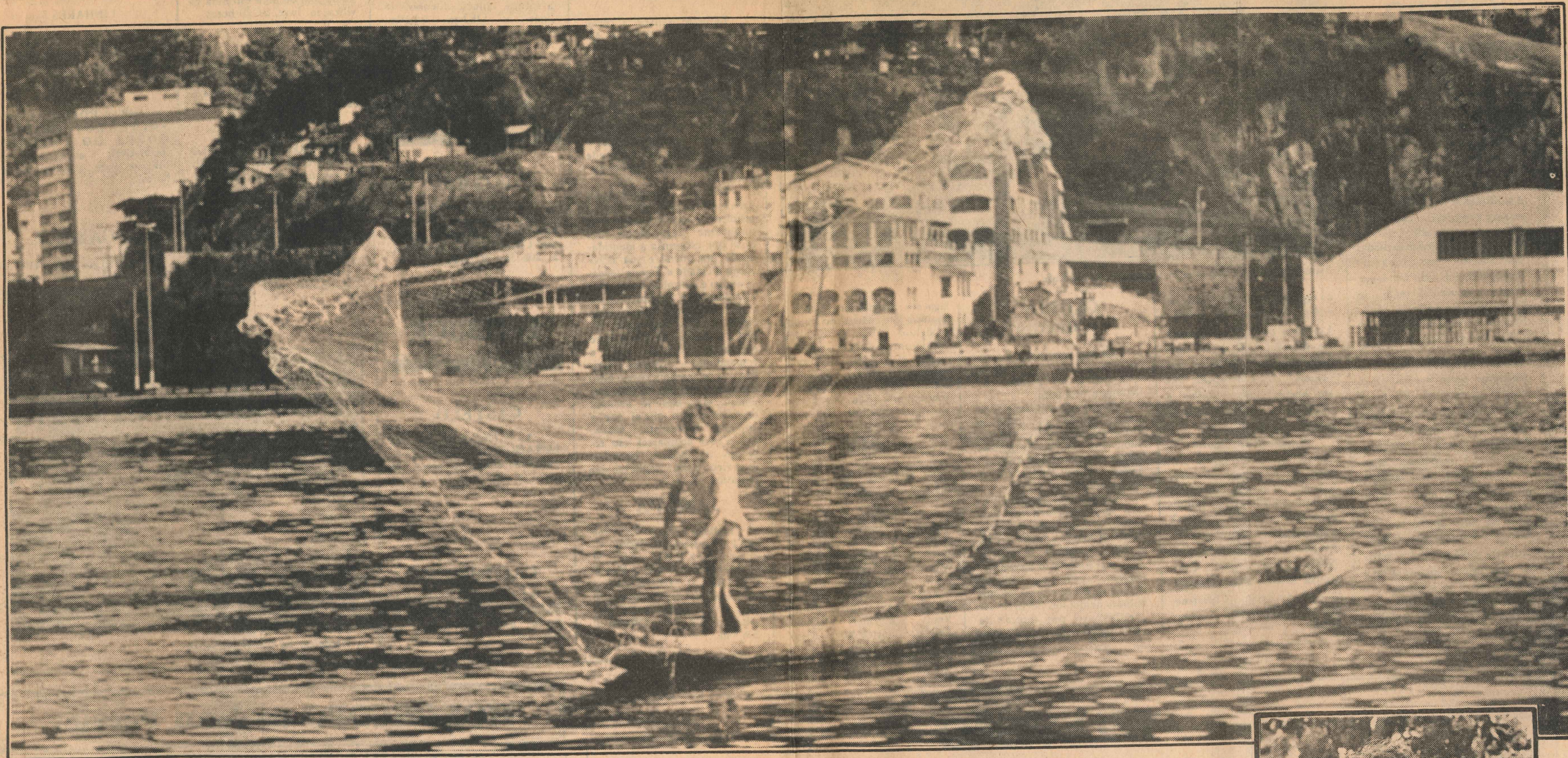


AJO 7664

72

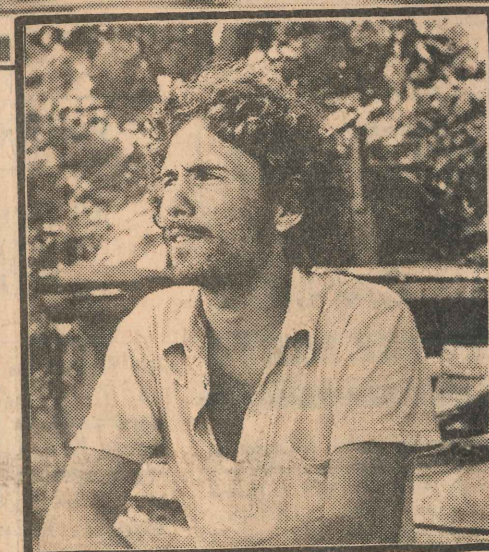


Onde você mora?

Ilha do Penedo

Quem passa pela avenida Beira Mar pode observar um barraco, ao pé do morro do Penedo. Lá vive uma família, completamente afastada da civilização, embora a poucos metros do centro de Vitória. José Rodriguez Vaz vive da pesca, diz que está satisfeito e não pretende sair da ilha.

Texto de Edvaldo dos Anjos
Fotos de José Magnago



Na baía de Vitória, onde a Pedra dos Ovos ajuda a compor a bela paisagem, um pescador mora numa ilha, longe do barulho da cidade.

A vida na cidade está ficando incompatível com o bem-estar de que necessita uma pessoa para viver com tranquilidade.

A frase identifica um lugar comum, mesmo em Vitória, uma cidade que ainda não atingiu os altos graus de poluição, ruído e violência registrados em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, mas que tem tudo para chegar lá. A Companhia Siderúrgica de Tubarão, a ser instalada a poucos minutos do centro, está aí mesmo para comprovar.

Não se pode negar as razões dos que vêm para a cidade integrando o êxodo rural. Afinal, ela oferece perspectivas de conforto e diversão inimagináveis no interior, mas para isso é preciso abdicar do bem-estar. A melhor opção talvez esteja resumida na frase de José Rodrigues Vaz: "Cidade não é bom para morar; só para visitar". E quem diz isso mora a poucos metros do centro de Vitória, na Ilha do Penedo, ao lado do morro do mesmo nome, onde não há luz e a água consumida é retirada de um poço. José mora na ilha (assim pode ser considerada porque o acesso pelo lado de Vila Velha é quase impossível) com sua mulher, Lindinalva Duarte, e dois filhos menores. É um pescador que contempla a cidade de perto, mas sem ser afetado em nada por seus conflitos urbanos. Não vê televisão, não ouve rádio, nem lê jornais. Seu único meio de transporte é uma canoa do tipo das utilizadas pelos índios e está muito satisfeito da vida, sem se envolver com problemas de outras pessoas, como ele mesmo diz e, principalmente, sem pagar aluguel. O proprietário da ilha, João Avanzo, paga mil cruzeiros mensais a José para tomar conta do local; o restante do dinheiro para sobrevivência da família, ele tira vendendo peixe e consertando material de pesca para algumas poucas pessoas que o procuram.

Se José não tivesse descoberto a Ilha do Penedo estaria hoje, certamente, enfrentando as dificuldades de sobrevivência típicas da periferia urbana. Estaria, é quase certo, entre os invasores de terras da Grande Vitória que a polícia costuma expulsar, sob os protestos da Igreja.

José Rodrigues Vaz tem uma história comum, de brasileiro pobre. Nem sabe ao certo onde nasceu, apenas que foi registrado em Barra do Cueté, Minas Gerais, em setembro de 1956. Tem cinco irmãos e viveu com os pais na roça, trabalhando como lavrador, até os 17 anos. Nesse período conheceu Natalino, o presidiário que tomava conta do barraco no pé do morro do Penedo, e veio para o Espírito Santo. Foi morar na ilha, mas, ainda solteiro, não quis ficar, preferindo trabalhar em Marechal Floriano, município de Domingos Martins. José estava vivendo de pesca na ilha e foi fazendo esse trabalho que chegou a Marechal. Pescar na água doce, segundo ele, é mais vantajoso.

Lá, conheceu Lindinalva, então com 16 anos, com quem passou a morar junto. Não chegaram a se casar, porque, diz José, o importante é viver bem. Tiveram três filhos, um dos quais, Márcia, morreu "de desidrataçãõ", quando tinha três meses de idade e pesava dois quilos e meio. Lindinalva estava de pneumonia quando a criança nasceu e isso deve ter causado sua morte. Os outros filhos são Marcos, de dois anos, e um de três meses, alimentado com leite em pó. Marcos anda nu o dia inteiro, brinca com os vários cachorros que vivem na ilha, mas sua mãe permanece vigilante para que ele não caia na água. Lindinalva é uma moça simples, que diz estar satisfeita com a vida que leva e demonstra muito carinho com o bebê. Quando pedimos que fosse buscar a criança para as fotografias, era uma mãe orgulhosa que estávamos vendo.

Em Marechal, José achava tudo muito difícil, principalmente o transporte. Por isso mudou para Sotema, bairro de Cariacica, mas continuou trabalhando em Marechal, até que surgiu novamente o mesmo convite. Largou o barraco em Sotema, pelo qual pagava 500,00 mensais e foi morar com a família na Ilha do Penedo. O presidiário deve ter ganho a liberdade porque mudou-se do Espírito Santo.

Na ilha, a rotina de José é muito simples. Acorda entre 5 e 7 horas e vai pescar ou consertar material de pesca. Almoça às dez; onze horas, descansa umas duas horas e retorna ao mesmo trabalho da manhã. As 17

horas, 17h30, janta e, à noite, ainda "vou dar tarrafada para pegar uns peixes". Vai dormir depois das 22 horas. A rotina de Lindinalva começa às 7 horas e é diferente evidentemente. Ela executa aquele serviço "que nunca acaba", como reconhece o marido. Quanto às crianças, Marcos só faz brincar (José diz que "só faz troço errado") e o bebê chora muito à noite, alterando a tranquilidade da casa.

José costuma vir à cidade duas vezes por semana, sempre para comprar material de pesca e fazer a feira. Além dos mil cruzeiros de salário, ele tira de dois a três mil por mês consertando material de pesca e vendendo peixe, principal produto consumido pela família, "porque a carne está muito cara". José sabe que o dinheiro é pouco, mas não é pessimista, dizendo: "A gente vai vivendo assim mesmo, até melhorar". Diz que, quando pesca na água doce, chega a faturar três, quatro mil cruzeiros por semana. José gosta da cidade, de Vitória, mas não tem muito tempo para passear; só tem saído de casa quando se faz necessário. Um bom motivo, por exemplo, é comprar remédios para os filhos ou a mulher.

Embora não se sinta irritado

com o movimento urbano, José é um homem que pode viver tranquilamente sem os equipamentos do conforto e lazer oferecidos pela cidade. Há muitos anos não sabe o que é um cinema. Televisão, esse objeto hoje considerado imprescindível a qualquer pessoa, só de vez em quando, quando sai com a mulher nos fins de semana para visitar os parentes. Nem um aparelho de rádio há no barraco da Ilha do Penedo. O isolamento, em termos de informação, é total. José não sabe ler nem escrever (estudou só até o segundo ano primário). Quando lhe perguntamos: Você sabe quem é o governador do Espírito Santo?, a resposta foi: "Não sei, não, eles mudam tanto, né..."

Mas Lindinalva é diferente. Apesar de se dizer tranquila e satisfeita na ilha, ela sai frequentemente nos fins de semana para ir à casa dos pais, principalmente, e sente muito a falta de televisão, para acompanhar as novelas. E tem muita coragem. Ela sai com as crianças e José numa canoa estreita que sustaria qualquer mulher, mesmo no transporte de duas pessoas. Quando estava para ganhar o terceiro filho, já na fase de contrações, Lindinalva entrou na canoa direto para o hospital e deve ter sido a tra-

vessia (dura cerca de quinze minutos) mais difícil de sua vida, mas ela aguentou firme.

José reafirma:

— Estou satisfeito de morar na ilha, um lugar sossegado, não tem nada perturbando a gente. Não tem embolança de vizinho, que fica perturbando a gente. Não pago aluguel, tá muito bom. Não tem luz, mas tem água até muito boa. Eu sei que é ruim viver sem luz, porque a gente não pode ter aparelhagem em casa, não pode ter uma televisão, uma geladeira, é difícil por causa disso. A gente vai vivendo até melhorar, um dia a luz chega. O proprietário já prometeu dizesas vezes colocar luz ali, mas é difícil porque tem que colocar uns dez postes até chegar lá.

As únicas pessoas que chegam a se aproximar da casa de José são jovens pescadores que vêm de Vila Velha e alcançam a ilha contornando as pedras. Mas José diz não ter tido problemas com eles até agora e que o máximo que fazem, em termos de intromissão, é arrancar côco, cana e banana plantados em volta do barraco. Esses produtos também são consumidos pela família. O que José não gostaria nunca é de dividir a casa com mais pessoas, com outro casal, por exemplo. Ele

diz que não daria certo e sua convicção é resultado do período em que viveu em Sotema.

— Embolança não dá certo. Lá em Cariacica eu ouvia discussão o dia inteiro dos vizinhos. Gosto de ficar no meu lugar sossegado. Gosto de falar pouco e ficar no meu canto.

José também não gosta de futebol, não fuma e só bebe cachaça para "não ficar resfriado, sabe como é, quem mexe com água tem que beber alguma coisa". Ele acrescenta: "Cachaça, a gente toma qualquer uma. Nenhuma delas é boa mesmo. Todas elas fazem mal. A melhor que tem mata a gente..."

Ele repete sempre que está satisfeito em morar na ilha, principalmente quando ouve alguém falar que, na cidade, as pessoas estão sempre reclamando do movimento e andam muito irritadas: "Os que moram na cidade estão correndo para o mato, não estão querendo banguça mais... Eu gosto da cidade, mas não para morar. E ali é pertinente, quando quiser eu venho".

José sempre gostou de água, isto é, sempre morou perto de rio, mas tem medo e nunca se aventura. "Se cair n'água, a gente dá umas braçadas, mas aventurar não... Eu não nado para muito longe, mexo com água, mas tenho o maior medo". Apesar disso, ele confessa que já andou de canoa depois de tomar uns goles. E nada aconteceu. José guarda uma mágoa: saiu, num sábado, com a família, para visitar os pais de Lindinalva, e quando voltou encontrou seu barraco incendiado. O fogo só não destruiu tudo porque tripulantes de um rebocador vieram em socorro. O proprietário reconstruiu a casa e instalou um pequeno altar ao lado, como para espantar o mal.

— Ninguém sabe até hoje quem fez essa maldade, troço malfeito não tem dono. Não sei quem pode ter feito uma sujeira dessa. O fogo queimou tudo que tínhamos, só ficamos com a roupa do corpo. Ainda não conseguimos comprar tudo que perdemos.



José vive com a mulher e dois filhos num barraco onde a energia elétrica não chegou